

# Irã ainda não é confiável!

Roberto Carvalho de Medeiros (\*)

O fundamento teórico que sustenta os estudos relacionados com as relações internacionais se fundamenta em duas concepções básicas: *Realismo* e *Idealismo*. O primeiro compartilha a ideia de que Estados são primordialmente motivados pelo desejo de poder e segurança, tanto militar quanto econômico, em vez de se preocuparem com ideais ou com a ética. O segundo se contrapõe ao realismo político por meio da teoria liberal do Idealismo Wilsoniano que visava a entender as causas da guerra e prescrever as formas de evitá-las. As demais vertentes decorrem destas duas e a elas devem suas origens e pesquisas.

Como qualquer teoria, ambas têm como propósito primordial de servir como ferramenta científica para melhor compreender as relações entre povos desde as primeiras formações de núcleos provincianos. Ao longo da História as mesmas ferramentas foram aprimoradas para se adequarem às novas formas de relações humanas coletivas. Também contribuíram e ainda contribuem para a preservação de suas culturas e identidades.

No característico ambiente de caos das relações internacionais, cujas práticas se apresentam na sua verdadeira intensidade, tanto o realismo como o idealismo se aplicam simultaneamente e em doses distintas entre si, variando de caso para caso. Eles buscam oferecer oportunidades de harmonia no trato dos objetivos políticos e nos planejamentos estratégicos decorrentes para sua consecução.

Todavia, é sabido que, no campo dos estudos estratégicos voltados para entender o fenômeno Crise, um dos principais axiomas afirma que: “entre Estados Nacionais inexistem amizade e sim interesses que regem os acordos e alianças”.

No atual momento da crise, que gira em torno do programa nuclear iraniano e do papel do Irã no ambiente regional que permeia o Oriente Médio e o Oriente próximo, é pura ingenuidade acreditar na pura boa fé das recentes manifestações externadas pelo recém nomeado presidente iraniano, Hassan Rohani. Apesar de sinalizar por uma importante mudança de eixo da política externa iraniana, com base na sua experiência na gestão do projeto nuclear, a verdade é que qualquer decisão definitiva terá que passar obrigatoriamente pelo Conselho Supremo de Segurança (CSS) para, por fim, ser ratificado ou não pelo líder supremo do Irã, Ali Khamenei, ex-presidente do Irã entre 1981 a 1989.

A composição desse Conselho é feita por indivíduos conhecidos por serem “linhas-duras” que, por sua vez, possuem diferentes entendimentos daqueles manifestados nos discursos de Rohani sobre política externa do Irã. A grande maioria dos membros do CSS é também ligada aos projetos estratégicos iranianos e formada por ex-dirigentes e/ou ex-comandantes do setor de Defesa do país, em especial oriundos da Guarda Revolucionária, como é o caso do seu atual presidente e ex-ministro da Defesa, Ali Shamkhani, que teve papel destacado em todas as decisões relacionadas à segurança nacional desde o começo da teocracia.

O CSS entende que o Irã precisa se apresentar como um ator mais moderado, acreditando no papel da diplomacia, impondo limites à expressão de sua influência e, ao mesmo tempo, acatando determinadas normas globais, tais como a recente manifestação do Irã condenando o uso de armas químicas pela Síria, seu aliado regional, e se dispondo a lidar de forma construtiva com a questão nuclear.

Entretanto, também acredita firmemente que o Irã deva reclamar seu papel hegemônico na região, aproveitando a janela de oportunidade criada pelo afastamento de inimigos históricos no Iraque e no Afeganistão, e pela instabilidade política no mundo árabe. Nada melhor o atual momento para agir a fim de reivindicar uma liderança regional!

*“O programa nuclear é uma oportunidade para adquirirmos uma posição estratégica e consolidarmos nossa identidade nacional”*. Esse claro objetivo político externado em uma rara aparição pública em Teerã em 2006 pelo próprio atual vice-presidente do CSS, Ali Hussein-Tash, também oriundo da Guarda Revolucionária, é abrandado pela necessidade de construção de medidas de confiança para uma comunidade internacional ainda incrédula. De fato o Estado iraniano se encontra mais aberto ao diálogo, sem isto significar estar propenso a encerrar seu programa nuclear para fins militares.

O parlamentar iraniano Hossein Hosseini, membro da Comissão de Segurança Nacional do Congresso (CSNC), afirmou que o Irã interrompeu, ou seja, temporariamente, uma das partes mais controversas do programa nuclear, qual seja, o enriquecimento de urânio a 20%, limite este para aplicação pacífica com finalidade científica. Qualquer enriquecimento acima desse valor se caracteriza como de propósito dissuasório-militar. A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), que está monitorando o programa iraniano, ainda não confirmou essa interrupção provisória. É oportuno frisar que a CSNC é informada das atividades desenvolvidas, porém não possui nenhum envolvimento nas decisões sobre o programa em questão.

É alta a probabilidade do Irã continuar a apoiar a Síria, o Hezbollah e grupos palestinos contrários a um acordo com Israel, seu maior inimigo, e é certo que persistirá com a repressão doméstica e com a negação dos direitos fundamentais ao povo iraniano. Ao mesmo tempo, como forma de compensação política, este mesmo governo já passou a negociar um esboço de acordo para a questão nuclear visando a medir os limites das proibições das grandes potências. É visível a penúria que passa o Irã em decorrência das sanções ainda vigentes. Com sua economia se definindo a cada dia, a população iraniana naturalmente se encontra insatisfeita, ainda mais pela ruptura dos laços entre o Estado e a sociedade desde a Revolução Verde ocorrida em 2009, em face da truculenta ação do governo contra as manifestações populares nas ruas de Teerã.

Um fator de força significativa é a posição geográfica do Estado iraniano. O alto valor estratégico em relação ao estreito do Ormuz faz com que o Irã detenha uma arsenal de ferramentas (diplomáticas e militares) para aplicação e com forte poder dissuasório. Vale destacar que os EUA estão empreendendo uma política de autossuficiência de fonte energética que será alcançada a médio prazo, se afastando, aos poucos, da forte dependência de importação de petróleo do Oriente Médio e, conseqüentemente, reduzindo a prioridade e a importância da sua 5ª Esquadra sediada no Bahrein.

Apesar de ainda não se configurar a provável postura de afastamento dos EUA no Oriente Médio a curto prazo, Israel “luta contra o tempo” para evitar que o Irã alcance a capacidade de enriquecimento a níveis bem mais elevados do que a 20%. É seguro afirmar que não permitirá a consolidação de um desequilíbrio da balança de poder militar na região em relação ao domínio nuclear por parte do Irã. Afinal de contas, a História demonstra que os israelenses só podem contar mesmo com eles próprios!

O governo Obama tenta convencer o Senado a adiar um novo pacote de sanções ao programa nuclear iraniano. Qualquer postura que demonstre fraqueza por parte do

“Grupo 5+1”<sup>1</sup> envolvido nas complexas questões do Oriente Médio e no programa nuclear iraniano será nociva para a obtenção de uma estabilidade política-estratégica tanto desejada pela comunidade internacional.

O Irã deve responder pela suas atividades ilícitas no campo da energia nuclear voltadas para o emprego bélico e fazer concessões irreversíveis que permitam o recuo permanente de sua capacidade de construir um artefato nuclear. O momento de adoção de posição firme para com o Irã é agora. Qualquer peso diplomático ainda existente de idealismo político deve ser substituído por completo em favor da realidade dos fatos, como os acima expostos, e dos interesses não mais velados do Estado iraniano em possuir capacidade militar de projetar seu poder perante seus vizinhos regionais por meio da escalada sigilosa do seu programa nuclear como força dissuasória (arma de destruição em massa e vetor de lançamento<sup>2</sup>) e pelo equívoco da sua suposta superioridade cultural originária de seus ancestrais persas. Tal cenário é inaceitável para a busca do tão desejado Bem-Estar mundial.

(\*) – Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref.), membro do Instituto Sagres

---

<sup>1</sup> EUA, Reino Unido, França, Rússia, China e Alemanha.

<sup>2</sup> Míssil tático e estratégico já desenvolvidos e operacionais.